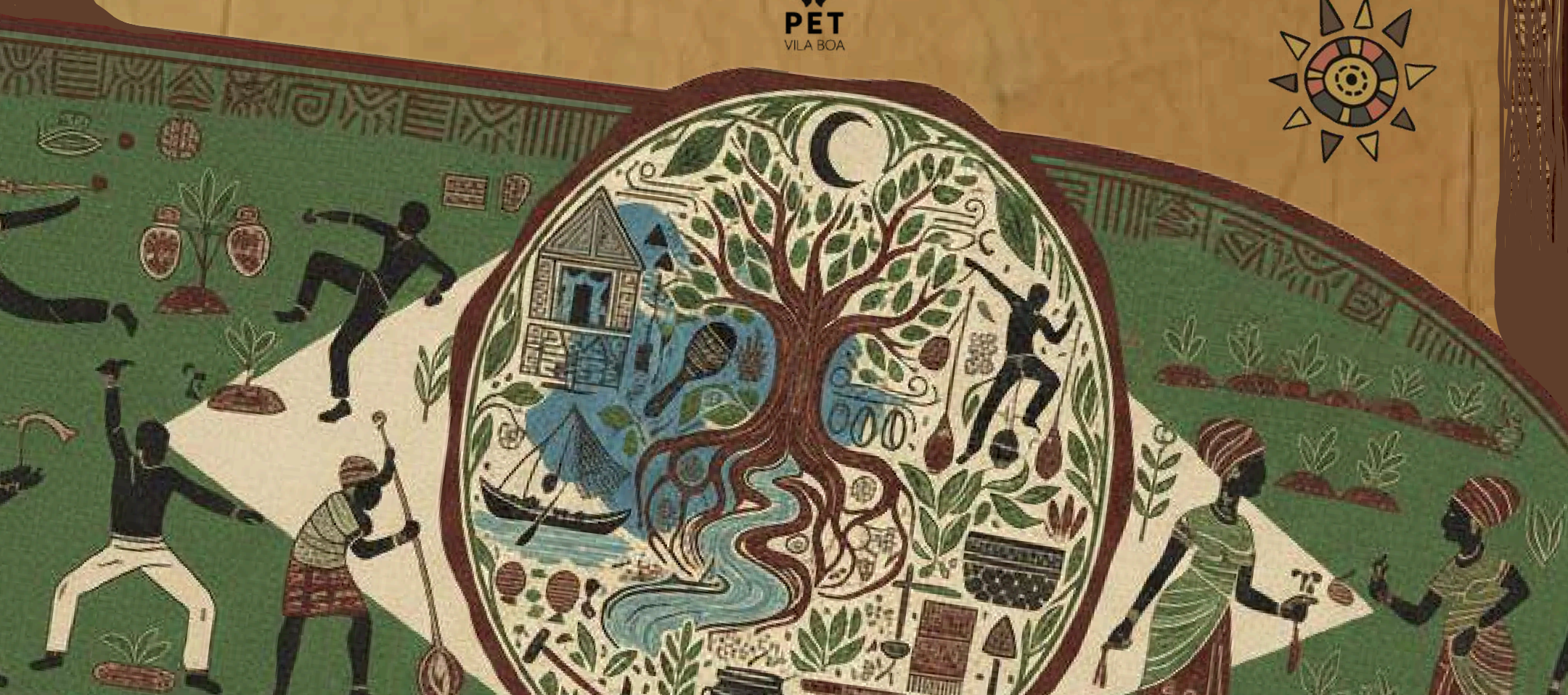


PROJETO PET MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

CARTILHA 2025

FUTURO ANCESTRAL

**OS SABERES DAS COMUNIDADES
TRADICIONAIS FRENTE AS MUDANÇAS
CLIMÁTICAS.**



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	03
CONHECER.....	07
ESTUDAR.....	16
ENXERGAR.....	20
PESQUISAR.....	22
DEBATER.....	25
TORNAR ACESSÍVEL.....	26
PRINCIPAIS REFERENCIAS.....	36



PREFÁCIO:

O Programa de Educação Tutorial (PET) tem por propósito para dar suporte pedagógico com vistas a melhoria do desempenho acadêmico de estudantes, através da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Nele, as atividades coletivas do aperfeiçoam habilidades essenciais para o crescimento pessoal, a formação acadêmica e o mercado de trabalho, conferindo autonomia e incentivando o engajamento em atividades diversas.

E é, a partir dessa diretriz que o PET Vila Boa surge no cenário da UFG/campus Goiás e vem desde 2010 reunindo bolsistas e voluntários em seus projetos, além de envolver a comunidade acadêmica em atividades informativas e formativas. A principal matriz teórica debatida no PET Vila Boa é a decolonialidade, orientando práticas acadêmicas críticas que busquem superar paradigmas coloniais e valorizar diferentes saberes e perspectivas. Sua composição, que integra estudantes de diferentes cursos alocados na Unidade de Ciências Sociais, promove a interdisciplinaridade e uma formação acadêmica plural.

No ano em que completa 15 anos de atuação, o PET Vila Boa, através do Projeto “Memória e Pertencimento” tem o prazer de apresentar uma série de produções de seus integrantes que envolvem o estudo dos saberes das comunidades tradicionais, ao mesmo tempo em que problematiza a temática das mudanças climáticas, tão em voga nesse momento, já que o Brasil sedia a COP30.

O Projeto “Memória e Pertencimento” tem por objetivos propiciar o conhecimento criativo através do direito à cidade e à memória; debater sobre recursos e espaço públicos e preservação ambiental e patrimonial, além de exercer o direito à cidade através da resistência à mercantilização do espaço urbano. Assim, o projeto utiliza a linguagem criativa para expressar as percepções dos integrantes do grupo e informar a sociedade em geral.

Assim, a presente cartilha foi organizada com os seguintes marcadores: Conhecer, Estudar, Pesquisar, Debater e Tornar Acessível, a fim de que as produções que envolvem conhecimentos, saberes, críticas e ensinamentos possam chegar, de forma acessível, ao maior número de pessoas e possa influenciar, de alguma maneira, novos debates.

De forma que o PET Vila Boa oferece a Cartilha FUTURO ANCESTRAL a toda a comunidade.

Boa Leitura!

POVOS TRADICIONAIS

→ Brasileiros

POR: NAYLA MILENA

CONHECER



Comunidades e povos tradicionais: quem são?

As comunidades tradicionais são grupos social e culturalmente diferenciados, que se organizam a partir de práticas próprias, modos de vida e formas específicas de relação com o meio ambiente, transmitidas de geração em geração. Elas ocupam territórios específicos e estabelecem com eles vínculos históricos, simbólicos e produtivos que garantem sua reprodução social, cultural, religiosa e econômica. O Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima destaca que esses povos mantêm uma interação diferenciada com a natureza, baseada no uso sustentável dos recursos, no respeito à biodiversidade e na preservação de seus conhecimentos tradicionais. Além disso, sua presença é crucial para a conservação da biodiversidade em todos os biomas brasileiros, incluindo Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal.

Comunidades e povos tradicionais: quem são?

No Brasil, esses povos estão presentes em todos os biomas e são oficialmente reconhecidos pelo Decreto nº 6.040/2007, que instituiu a Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais. Entre eles estão indígenas, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos, ciganos, entre outros, totalizando 28 segmentos.

Além de proteger florestas e regular o clima, esses grupos fortalecem a sociobioeconomia, com práticas sustentáveis como o uso de frutas, óleos, plantas medicinais e o etnoecoturismo. Assim, contribuem para um modelo de desenvolvimento mais justo e sustentável para o Brasil e para o planeta.



Quilombolas e Povos Indígenas



Os povos indígenas e quilombolas, respectivamente, têm reconhecimento assegurado pelos artigos 231, da Constituição Federal e 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Os demais grupos ainda lutam por instrumentos legais de reconhecimento de seus territórios.



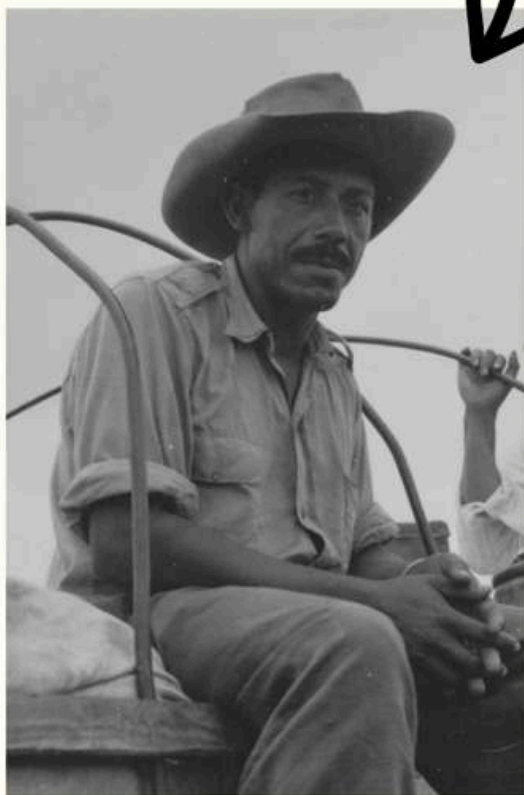
ANDIROBEIROS



APANHADORES DE FLORES SEMPRE-VIVAS



CABOCLOS



BENZEDEIROS

CAIÇARAS₆

FUNDO E FECHO DE PASTO

No coração do sertão baiano, entre a aridez e a caatinga que desafia o sol, florescem mais de mil comunidades de Fundo e Fecho de Pasto. São trabalhadoras e trabalhadores sertanejos. Há mais de trezentos anos mantêm forte conexão com a terra, partilham áreas livres, praticam a agricultura familiar, criam gado solto onde há água, e assim sobrevivem às estiagens.



FAXINALENSES



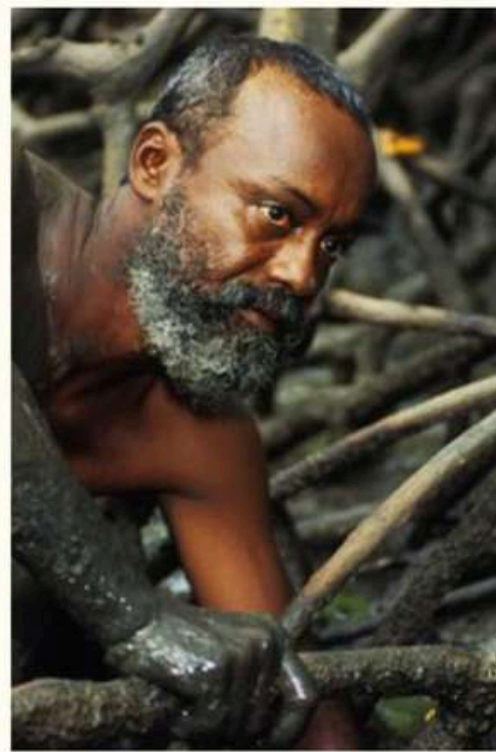
GERAISZEIROS



EXTRATIVISTAS



CIPOZEIROS



EXTRATIVISTAS
COSTEIROS E
MARINHOS



ILHÉUS

Nas águas que banham os litorais, vive um povo cuja existência se funde com o ritmo das marés e os mistérios do oceano. Os Ilhéus descendem de antigos navegadores e pescadores, habitam pequenas ilhas dispersas, e são tradicionais conhecedores dos segredos e ciclos do mar. Suas tradições passam de geração em geração. As comunidades, por vezes isoladas, possuem identidade única, são autogovernadas por assembleias e caracterizadas pela solidariedade. A pesca é a principal atividade, com vasto conhecimento sobre as correntes marítimas, as marés e os ventos, que os tornaram exímios navegadores.



MORROQUIANOS

Nas encostas dos morros das metrópoles, vive um povo cuja história mescla os desafios da vida urbana com a riqueza de suas tradições. Os Morroquianos, habitantes das comunidades e favelas, protagonizam uma narrativa de luta, superação, adaptação e resiliência. Têm suas raízes nos fluxos migratórios que moldaram as cidades durante séculos. Descendentes de trabalhadores rurais, imigrantes e refugiados, sua identidade se forja na diversidade étnica e cultural. São comunidades muitas vezes marginalizadas e estigmatizadas, que enfrentam a falta de serviços como educação, saúde e segurança, na ausência de justiça social e igualdade de direitos. Ainda assim, orientam-se pela solidariedade e, apesar das adversidades, manifestam resiliência e criatividade.



PANTANEIROS



PESCADORES ARTESANAIS



POVOS CIGANOS



COMUNIDADES DE
TERREIRO/POVOS E
COMUNIDADES DE
MATRIZ AFRICANA

POVO POMERANO



QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU



RAIZEIROS



RIBEIRINHOS



RETIREIROS DO
ARAGUAIA



VAZANTEIROS



VEREDEIROS



DESMISTIFICANDO PRECONCEITOS: POVOS ORIGINÁRIOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

POR: JULIA GONÇALVES

Os preconceitos contra os povos originários e comunidades tradicionais foram construídos historicamente a partir da colonização, da violência e da imposição cultural. Esses povos foram descritos como “selvagens” ou “incapazes” para justificar a exploração de seus territórios e a negação de seus modos de vida. Essa visão desumanizadora ainda persiste em discursos que reforçam desigualdades. Desmistificar esses preconceitos é enfrentar essa herança colonial.

Um estigma comum é o de que vivem “parados no tempo”, quando, na verdade, participam das transformações sociais, estudam, trabalham e produzem conhecimento em diálogo com o mundo contemporâneo. Também é falso o mito da “improdutividade”: suas práticas sustentáveis são essenciais à preservação ambiental e oferecem respostas às crises climáticas.

É preciso ainda romper com a ideia de homogeneidade. “Povos originários” e

“comunidades tradicionais” reúnem enorme diversidade de culturas, línguas e visões de mundo, que integram a identidade nacional. Reduzi-los a estereótipos empobrece nossa compreensão e apaga suas contribuições à sociedade.

Superar esses preconceitos é um compromisso coletivo de revisar a história e combater o racismo estrutural que silencia vozes. Valorizar seus saberes é fortalecer a justiça social e o respeito à diversidade, reconhecendo que esses povos estão no centro da construção e continuidade do Brasil.

MEIO AMBIENTE E COMUNIDADES TRADICIONAIS

POR: EDUARDA DE DEUS AMARAL

O fato é que há anos o Meio Ambiente vem sendo pauta de discussões entre as nações do mundo, conferências climáticas são realizadas mobilizando líderes, especialistas e organizações civis, com a promessa de construir soluções para frear a degradação ambiental. Durante esses encontros, quando o tema está sob os holofotes da mídia internacional, a importância das comunidades tradicionais brasileiras é colocada em evidência, destacando sua relação equilibrada com a natureza. Esses povos são constantemente apresentados como exemplo de sustentabilidade, já que suas práticas de manejo dos recursos naturais demonstram respeito e cuidado com o meio ambiente. No entanto, essa valorização costuma permanecer apenas no discurso. Quando se trata de efetivar políticas públicas que garantam direitos territoriais, de saúde e de educação a essas populações, a atenção desaparece, cedendo lugar a interesses econômicos e políticos.

Esse contraste evidencia uma contradição: ao mesmo tempo em que as comunidades tradicionais são colocadas na posição de guardiãs da biodiversidade, elas continuam sendo alvo de ameaças, violências e invasões em seus territórios. Sem proteção efetiva, não há como assegurar a preservação dos ecossistemas, já que essas comunidades estão na linha de frente da resistência contra a exploração.

SABERES ANCESTRAIS

POR: GLAUCIA DIAS

Os saberes ancestrais reúnem conhecimentos, práticas, tradições e crenças transmitidos entre gerações, sustentando a identidade cultural, o equilíbrio ecológico e modos de vida sustentáveis em harmonia com a natureza. Essas práticas milenares, como o uso medicinal de plantas e o manejo natural do solo, contribuem para a saúde e para o combate às mudanças climáticas. Apesar da tentativa histórica de apagamento causada pela colonização e pela valorização de saberes externos, os povos originários e tradicionais seguem resistindo e preservando seus conhecimentos. Um exemplo é o preparo do vinho da folha de algodão, segundo Maria Fernandes, é um remédio tradicional usado por mulheres no pós-parto por suas propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias e cicatrizantes, transmitido entre gerações como forma de reverência e respeito aos ancestrais. Assim, preservar o meio ambiente nossa “casa comum” é fundamental para garantir a continuidade desses saberes e da relação harmoniosa entre humanidade e natureza.

POR: GLAUCIA DIAS



Receita do Vinho da folha do algodão:

- 10 folhas de algodão verdes
- 300 ml de água
- 1 panela média
- 1 prato
- 1 copo de 200ml

Modo de preparar:

Lavem as folhas de algodão, coloque-as no prato, em uma panela coloque 300 ml de água e deixe ferver por 5 minutos, desligue o fogo, segure nos talos das folhas do algodão e enfiam na água quente por uns 4 minutos em seguida deixe esfriarem no prato, depois as macerem com mãos até obter um liquido cor de vinho.

A IMPORTÂNCIA DE SE ENXERGAR AS COMUNIDADES TRADICIONAIS

POR: VICTÓRIA EVA

Quando pensamos em mudanças climáticas, costumamos imaginar novas tecnologias ou ações governamentais, mas no Brasil já existem respostas antigas: os saberes das comunidades tradicionais. Povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caiçaras e outros sempre viveram em equilíbrio com a natureza, conhecendo profundamente os ciclos da terra, da água e das florestas. Suas práticas sustentáveis como agroflorestas, pesca artesanal e uso coletivo da terra mostram que é possível produzir sem destruir.

Mesmo assim, essas comunidades ainda sofrem preconceito e são vistas como atrasadas, quando na verdade são as que mais protegem os biomas brasileiros. Além disso, são as primeiras a sentir os efeitos da crise climática. Valorizar seus saberes é uma questão de justiça e uma forma inteligente de enfrentar os desafios ambientais.

Reconhecer essas populações como parte da solução significa incluir sua voz nas decisões e unir o conhecimento científico à sabedoria ancestral. O futuro do Brasil depende desse diálogo e do fortalecimento dos modos de vida que sempre souberam cuidar da terra.

O IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NAS COMUNIDADES INDÍGENAS

POR: GUILHERME BORGES

ENXERGAR

A forma como povos originários convivem e interagem com o ambiente à sua volta está intimamente ligada com a previsibilidade do clima e diversos fatores ecológicos que foram considerados imutáveis durante gerações. Porém, o impacto causado pela ação humana resultou num caos ambiental que atingiu inicialmente minorias que dependiam do local em que habitam. A falta de chuvas causa o atraso no cultivo da mandioca, do feijão, da batata-doce, do milho e várias outras culturas que compõem a base alimentar de povos indígenas, povos estes que dependem da agricultura de subsistência para manterem seu modo de vida ancestral.

Diferente de grandes latifundiários que possuem acesso a equipamentos, produtos agrícolas e grandes sistemas de irrigação, povos como os Yanomamis que residem em regiões de florestas densas não possuem essas regalias modernas e ficam à mercê de um clima cada vez mais imprevisível. Além do impacto no plantio, há também a seca dos rios que prejudica a pesca.

Essas alterações no equilíbrio natural trazem consigo o aumento de doenças, já que águas paradas favorecem a proliferação de mosquitos transmissores, enquanto a fumaça das queimadas, intensificadas pelo calor e pela seca, agrava problemas respiratórios. O impacto climático, portanto, ultrapassa a questão alimentar e atinge dimensões sociais, culturais e espirituais, ameaçando saberes tradicionais e o próprio vínculo dos povos originários com a terra.

LATIFÚNDIO, VIOLÊNCIA NO CAMPO E A URGÊNCIA DA REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL

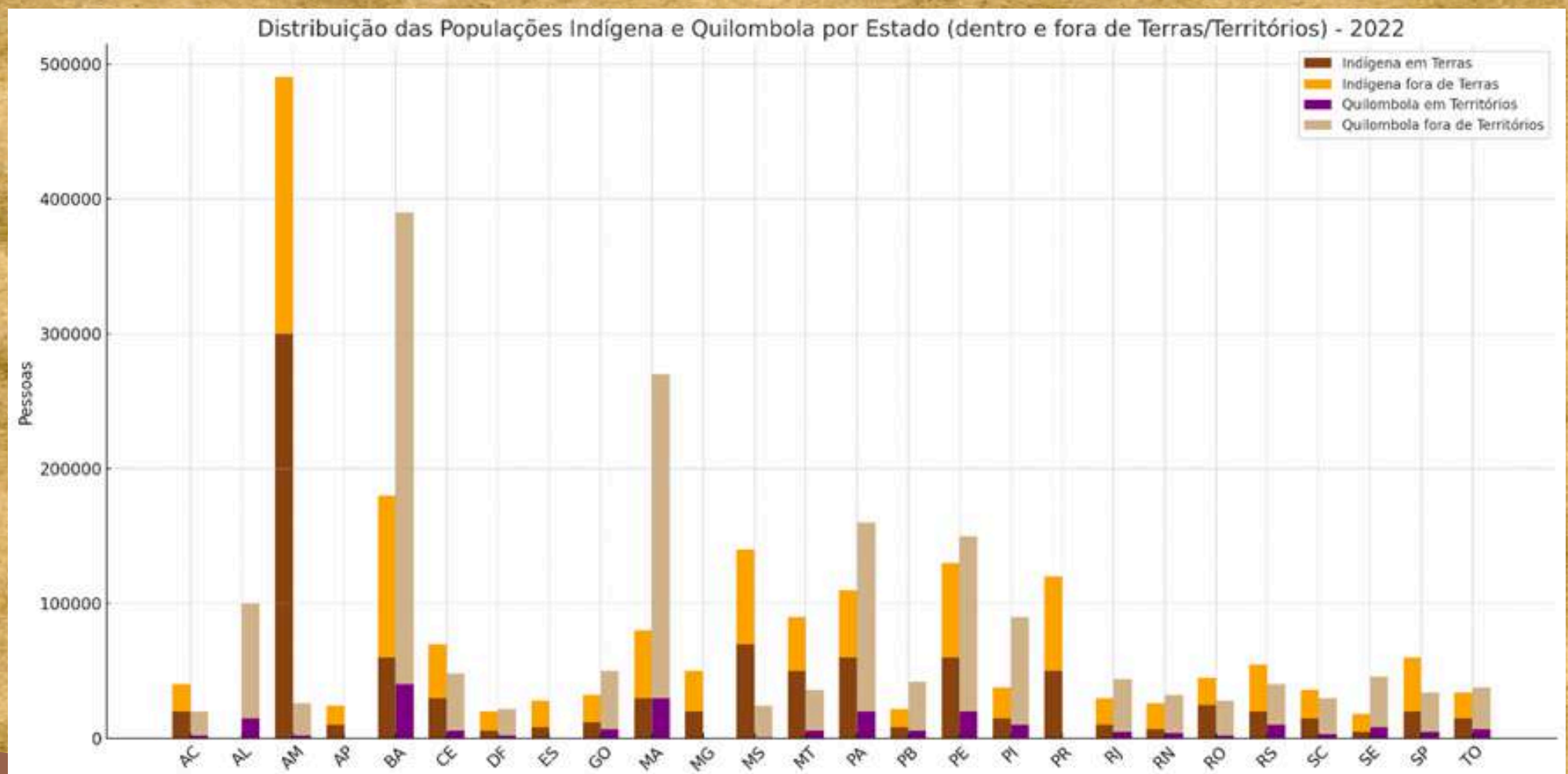
POR: BRENDA SAMPAIO

A estrutura fundiária brasileira nasce da herança colonial e ainda hoje se sustenta na concentração e na exclusão. O latifúndio, base violenta dessa lógica, segue expulsando e silenciando povos indígenas, quilombolas e trabalhadores rurais. Desde a Lei de Terras de 1850, o acesso à terra foi transformado em privilégio, consolidando uma elite branca e agrária e perpetuando desigualdades que o tempo apenas modernizou.

Os conflitos no campo, que se multiplicam em números alarmantes, têm cor, classe e território: as vítimas são negras, pobres, defensoras de direitos e de comunidades tradicionais. A violência que as atinge é sistemática, patrocinada por interesses latifundiários e acobertada por omissões institucionais. Massacres como Eldorado dos Carajás, Pau D'Arco e Colniza revelam que o sangue derramado no campo é parte da engrenagem que mantém o poder fundiário intocado. Mesmo com a Constituição de 1988 assegurando a função social da terra, o país segue paralisado diante da grilagem e da expansão do agronegócio. A ausência de uma reforma agrária real é uma ferida aberta: mais que política pública, ela é um passo civilizatório, a única via capaz de romper o ciclo de desigualdade e violência. Sem ela, continuaremos a contar corpos e a repetir o silêncio que a terra insiste em esconder.



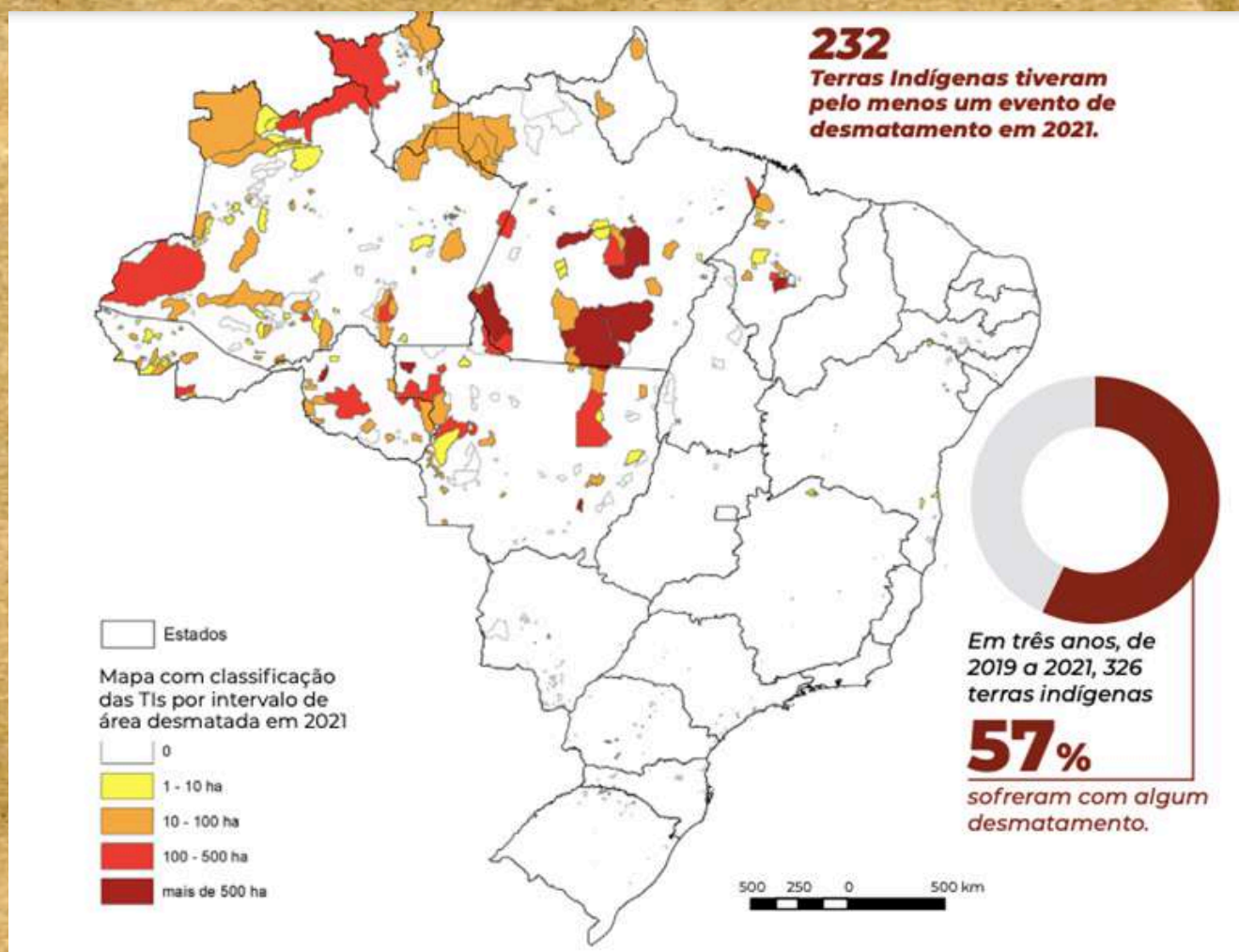
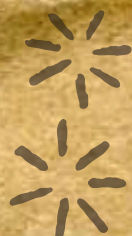
Notícias como “Terras de afrodescendentes e quilombolas têm até 55% menos desmatamento...” (Folha de São Paulo) ou “Desmatamento é quatro vezes menor onde há povos indígenas e comunidades tradicionais” (Jornal da USP) são fatos que circulam pelos meios de comunicação com relativa frequência, a preservação é algo fundamental para todos e inerente ao modo de vida de alguns. Você, leitor, já se perguntou o que acontece quando uma comunidade luta pela preservação de seu território? Ou pela sua permanência nele? Já imaginou como é ser negligenciado com o fim muito claro de deixar de existir?



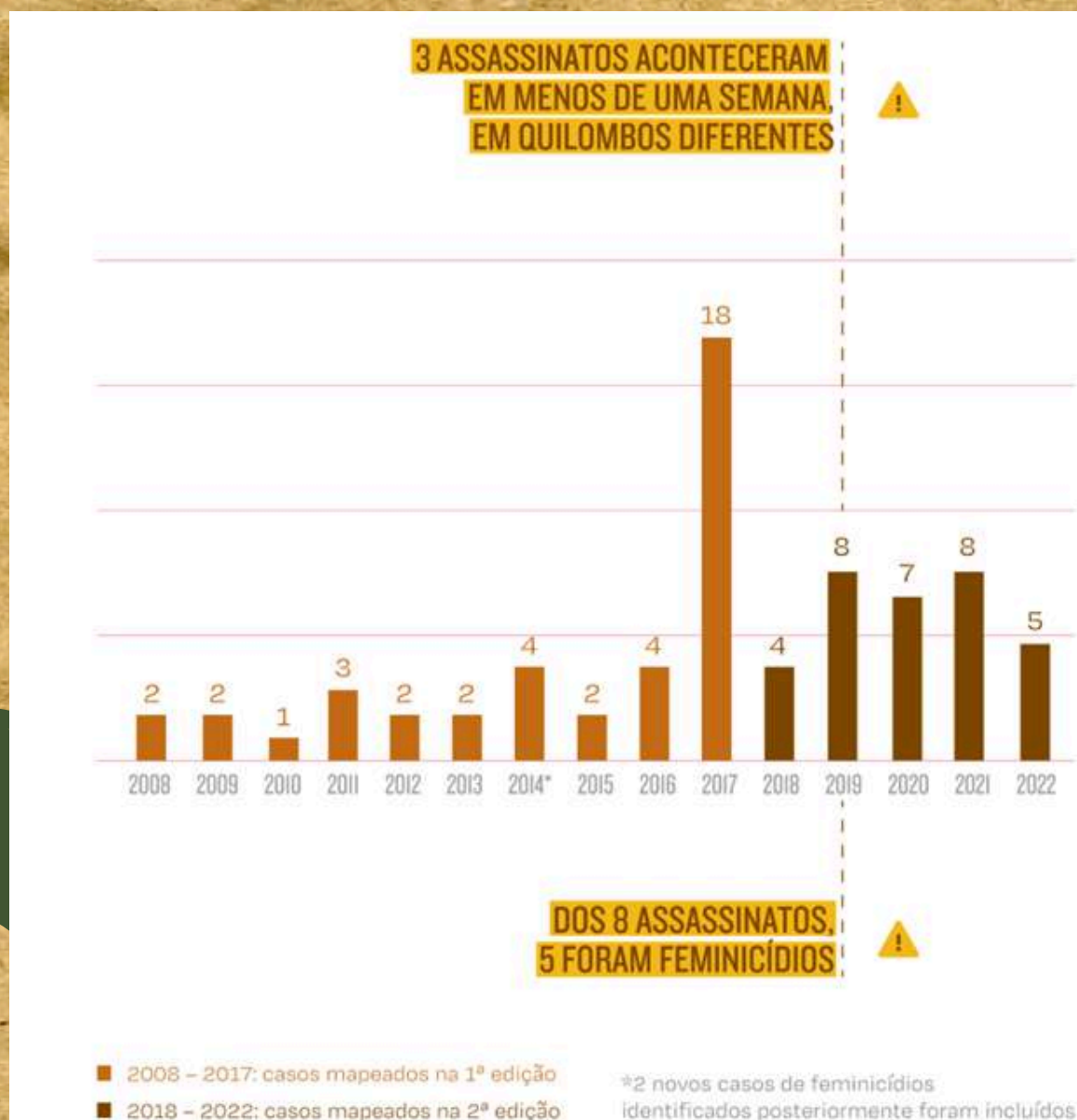
FONTE: IBGE



DADOS ESTATÍSTICOS



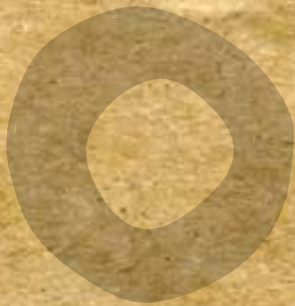
FONTE: CFBIO; MAPBIOMAS.



NÚMERO DE QUILOMBOLAS ASSASSINADOS POR ANO DE 2018 A 2022

FONTE: TERRA DE DIREITOS – RACISMO E VIOLÊNCIA

DADOS ESTATÍSTICOS



Tipos de invasão ou dano em 2023	Territórios afetados*
Desmatamento	66
Extração ilegal de madeira, areia, castanha e outros recursos naturais	62
Invasão possessória de fazendeiros e/ou posseiros	51
Agropecuária (criação de gado, monocultivos, arrendamento de terras)	40
Grilagem e/ou loteamento de terras	32
Caça e/ou pesca ilegais	32
Garimpo ou mineração	30
Danos gerais ao meio ambiente	29
Obras e empreendimentos dentro ou com impacto direto na TI	25
Danos por uso de agrotóxicos	24
Retirada, retenção ou poluição de cursos d'água e rios	20
Incêndios ou queimadas	19
Abertura de estradas ou ramais ilegais	13
Danos ao patrimônio (destruição de casas, cercas, casas de reza, etc)	8
Tráfico de drogas ou presença de narcotraficantes	6
Invasões com ataques armados e/ou ameaças	6
Diversos	3

* um mesmo território pode ser afetado por vários tipos de invasão, exploração de recursos naturais ou danos ao patrimônio

Mortes de indígenas em 2023	Desassistência à saúde	Crianças até 4 anos	Assassinatos
Acre	13	66	6
Alagoas	1	2	0
Amapá	1	17	0
Amazonas	35	295	36
Bahia	4	11	7
Ceará	0	7	4
Distrito Federal	0	2	1
Espírito Santo	0	3	3
Goiás	0	3	0
Maranhão	1	79	10
Mato Grosso do Sul	4	124	3
Mato Grosso	11	70	43
Minas Gerais	0	17	1
Pará	12	52	4
Paraíba	0	7	6
Paraná	12	14	0
Pernambuco	9	16	0
Piauí	0	1	2
Rio de Janeiro	0	1	0
Rio Grande do Norte	0	0	2
Rio Grande do Sul	1	21	16
Rondônia	0	16	1
Roraima	2	179	47
Santa Catarina	1	7	4
São Paulo	3	11	0
Sergipe	0	1	0
Tocantins	0	18	4
Total geral	111	1.040	208

FONTE: CIMI - RELATÓRIO VIOLÊNCIA CONTRA POVOS INDÍGENAS - 2023



POR: DOUGLAS REZENDE E TAINÁ RINCON

COP 30: POLÊMICAS, EXPECTATIVAS E QUESTIONAMENTOS

POR: ALLISON OLIVEIRA E VÍCTOR ANANIAS

A 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30), que será realizada em Belém do Pará, vem sendo marcada por controvérsias e críticas. Há ceticismo quanto à participação efetiva de comunidades indígenas, quilombolas e tradicionais, cujos saberes são essenciais à preservação da Amazônia, mas correm o risco de serem ignorados nas decisões. As obras de infraestrutura, com investimento superior a 5 bilhões de reais, são vistas como favorecedoras de grandes corporações, enquanto problemas locais como saneamento, áreas verdes e preservação ambiental permanecem negligenciados. Além disso, medidas como a proibição inicial de alimentos típicos, como açaí e maniçoba, foram interpretadas como desvalorização da cultura amazônica. Assim, o evento que deveria simbolizar compromisso com o meio ambiente pode acabar reproduzindo as mesmas injustiças e contradições que historicamente ameaçam a região.

PRODUÇÕES LIVRES

TORNAR
ACESSÍVEL

ILUSTRAÇÃO



POR: VÍCTOR ANANÍAS

SONETO

ALÉM DOS ESTIGMAS

Ergueram mitos, frutos da invasão,
marcando povos com rótulos cruéis.
Chamaram "atraso" a preservação,
chamaram "inferior" saberes fiéis.
Mas tais estigmas servem ao poder,
que historicamente quis silenciar.
São vozes múltiplas, modos de viver,
que seguem fortes, prontos a ensinar.
Não há atraso em quem semeia a vida,
nem ignorância em quem guarda a
raiz.
A diversidade, antes reprimida,
é fundamento do Brasil que se diz.
Desfazer preconceitos é enxergar
que há muitas formas de o mundo
habitar.

POR: JULIA GONÇALVES

CAÇA-PALAVRAS

C	O	M	U	N	I	D	A	D	E	S	T	R	A	D	I	C	I	O	N	A	I	S
U	F	G	Z	C	N	E	I	R	O	S	G	E	T	L	O	I	G	H	A	J	D	L
L	H	Q	U	L	D	T	F	I	S	E	O	S	O	Q	R	D	A	R	Y	L	E	K
T	S	U	T	A	Í	A	V	D	S	B	A	P	C	A	X	A	P	A	R	A	N	J
U	D	I	O	M	G	B	T	U	A	I	B	E	F	Z	I	D	U	L	I	R	T	H
R	C	L	P	Z	E	V	M	E	M	Ó	R	I	A	S	J	A	L	F	B	P	I	G
A	T	O	A	R	N	Z	I	K	U	M	L	T	B	E	V	N	M	E	E	O	D	F
X	S	M	T	E	A	P	I	H	I	S	T	O	R	I	A	I	B	S	I	H	A	D
W	A	B	U	N	S	E	R	T	U	I	D	V	O	L	J	A	U	I	R	A	D	A
F	I	O	A	S	D	F	I	G	H	T	J	P	E	D	I	O	T	S	I	R	E	S
P	O	L	D	E	A	I	O	R	P	E	R	T	E	N	C	I	M	E	N	T	O	B
B	R	A	S	I	L	E	I	R	O	S	P	O	I	U	Y	T	R	E	H	W	Q	L
J	Q	S	U	N	Q	W	E	R	T	Y	U	I	P	O	C	V	B	N	O	M	I	P
K	Z	B	D	M	P	E	T	V	I	L	A	B	O	A	W	D	H	U	S	Y	O	A

POR: TAINÁ RINCON

- Cidadania • Respeito • História • Cultura • Identidade
- Brasileiros • Indígenas • Quilombolas • Ribeirinhos
- Comunidades • PET Vila Boa • Memória • Pertencimento tradicionais

DIÁLOGO

RESPEITO ÀS COMUNIDADES TRADICIONAIS OU MORTE!

João (estudante): Professora, por que sempre ouvimos falar de desmatamento, queimadas e garimpo ilegal, mas parece que nada muda

Professora: Porque essas práticas estão ligadas a interesses econômicos muito fortes. Mas você sabia que nas terras indígenas e quilombolas o desmatamento é até quatro vezes menor

João: Sério? Então proteger esses territórios ajuda a preservar a floresta

Professora: Exatamente. Esses povos cuidam da terra como parte de sua vida e cultura. Mas, infelizmente, eles sofrem com violência, invasões de grileiros e até assassinatos

João: É muito injusto... e se a gente não falar disso, parece que essas vidas não importam

Professora: Você tem razão. Falar, ensinar e cobrar é uma forma de resistência. A preservação da natureza e o respeito aos povos tradicionais dizem respeito a todos nós.

POR: DOUGLAS REZENDE



POR: VICTÓRIA EVA

TEXTO

QUANDO O CÉU SE CALA


O céu já não me guia como antes. A chuva some quando a terra pede e vem forte quando nada espera. A mandioca demora a nascer, o rio seca e leva consigo os peixes que alimentavam meu povo. As crianças perguntam por que a floresta parece triste, e eu apenas digo que a terra está cansada.

Mesmo assim, continuamos a plantar e a pescar, porque nossa vida não existe sem ela.

POR: GUILHERME BORGES



ÁGUA DA VIDA


 Água sagrada
Água bendita
Água que dá vida
A todos os seres.

Água que lava
Da terra a magoa
Vem purificar
E tudo limpar.

Sua transparência
Beleza não tem igual
Com paciência
Água dando o sinal.

A bolsa se rompe
É água anunciando
Que um novo ser
Vai nascer.

Assim é a vida
Nela tudo tem água
Ao plantar
Ao brotar
Ao nascer
E ao crescer.

O planeta agradece
E eu também
O que a água fornece
E o que ela contém. 

POR: GLAUCIA DIAS

CHARGE

ESPETÁCULO VERDE: A AMAZÔNIA COMO CENÁRIO, NÃO COMO PRIORIDADE.

SHOW NO "AMAZÔNIA LIVE" 2025



FEITO COM O APOIO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.

POR: ALLISON OLIVEIRA



A 15x15 crossword puzzle grid. The grid is composed of white squares for letters and black squares for empty space. The numbering is as follows:

- 1: Top-left corner (row 1, column 1).
- 2: Row 1, column 9.
- 3: Row 1, column 13.
- 4: Row 2, column 4.
- 5: Row 3, column 1.
- 6: Row 3, column 14.
- 7: Row 6, column 12.
- 8: Row 7, column 3.
- 9: Row 11, column 2.
- 10: Row 14, column 3.

A small blue dot is located in the first row, first column.

(10) Pequenos produtores que vivem de forma sustentável em harmonia com a floresta.

(7) Comunidades que extraem cipós para artesanato e subsistência.

CARTAZ

**VAMOS TRANSFORMAR
IDEIAS EM AÇÕES**
PARA UM FUTURO MAIS SUSTENTÁVEL!



POR: EDUARDA AMARAL



GRUPO PET VILA BOA 2025



ALLISON OLIVEIRA
(ARQ. URB)



BRENDA SAMPAIO
(ARQ. URB)



DOUGLAS REZENDE
(DIREITO)



EDUARDA AMARAL
(SERVIÇO SOCIAL)



GLAUCIA DIAS
(SERVIÇO SOCIAL)



GUILHERME BORGES
(DIREITO)



JULIA GONÇALVES
(DIREITO)



NAYLA MILENA
(SERVIÇO SOCIAL)



TAINÁ RINCON
(DIREITO)



VICTÓRIA EVA
(DIREITO)



VÍCTOR ANANIAS
(DIREITO)



**PROFª.DRª. MARIA
CAROLINA**
(TUTORA)

EDIÇÃO E DESIGN DA CARTILHA

POR:



EDUARDA AMARAL



ALLISON OLIVEIRA



NAYLA MILENA

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS:

BIRINO, Edson Douglas; SILVA NETA, Hortência Dias. Territorialidades e Políticas Públicas: a luta das comunidades tradicionais na busca por reconhecimento e direitos. Serviço Social em Perspectiva, Especial (VIII ENMSS), 2024. Acesso em: 20 de set. de 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/8007>. Acesso em 17 de set. de 2025.

CFBIO; MAPBIOMAS. "Desmatamento em 2021 aumentou 20%, com crescimento em todos os biomas." Disponível em: <https://cfbio.gov.br/2022/07/22/desmatamento-em-2021-aumentou-20-com-crescimento-em-todos-os-biomas/>. Acesso em: 19 set. 2025.

Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Relatório Violência contra Povos Indígenas — 2023. Brasília: CIMI, 2024. Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2024/07/relatorio-violencia-povos-indigenas-2023-cimi.pdf>. Acesso em: 19 set. 2025.

COP30: as duras críticas às políticas ambientais do Brasil publicadas em importante jornal científico. G1, 20 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/cop-30/noticia/2025/03/20/cop30-as-duras-criticas-as-politicas-ambientais-do-brasil-publicadas-em-importante-jornal-cientifico.ghtml>. Acesso em: 10 de set de 2025.

FOLHA DE S. PAULO. Terras de afrodescendentes e quilombolas têm até 55% menos desmatamento, diz estudo. Folha de S. Paulo, 22 jul. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/07/terras-de-afrodescendentes-e-quilombolas-tem-ate-55-menos-desmatamento-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 19 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Povos e comunidades tradicionais. Atlas Geográfico Escolar. Disponível em: <https://atlasescolar.ibge.gov.br/brasil/3105-caracteristicas-demograficas/povos-e-comunidades-tradicionais.html>. Acesso em: 16 set. 2025.

SAGGIORATTO, Julia. Terra e poder a violência estrutural no campo brasileiro. Rede de estudos rurais. Disponível em: <https://redesrurais.org.br/terra-e-poder-a-violencia-estrutural-do-campo-brasileiro/>. Acesso em: 13 de set. de 2025.

TERRA DE DIREITOS. Racismo e violência. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/racismoeviolencia/>. Acesso em: 19 set. 2025.

USP. Desmatamento é quatro vezes menor onde há povos indígenas e comunidades tradicionais. Jornal da USP, 6 fev. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/desmatamento-e-quatro-vezes-menor-onde-ha-povos-indigenas-e-comunidades-tradicionais/>. Acesso em: 15 set. 2025.

CONTATOS PET



SITE

{[HTTPS://PETVILABOA.ZYROSITE.COM/](https://petvilaboa.zyrosite.com/)}



INSTAGRAM

{@PETVILABOA}



PETVILABOA@GMAIL.COM

CÂMPUS
GOIÁS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



FNDE
Fundo Nacional
de Desenvolvimento
da Educação